

## A VOZ E A LUTA PELAS MULHERES EM JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Eurídice Hespanhol Macedo Pessoa<sup>1</sup>

Denize Sepúlveda<sup>2</sup>

### RESUMO

Julia Lopes de Almeida editou cerca de 40 obras entre Portugal, Brasil e França, de 1886 até 1934. Foi reconhecida como abolicionista e feminista. Como escritora, constou da lista dos intelectuais que planejaram a fundação da Academia Brasileira de Letras. Porém, não fez parte da mesma, por ser mulher. Os valores patriarcais e os preconceitos que se tinha à época não permitiram que ela fosse membro fundador. A metodologia usada neste estudo é o paradigma indiciário de Ginzburg, analisando a obra da autora, jornais e revistas da época e uma entrevista com um de seus netos e, particularmente, o texto do seu discurso no Conselho Nacional de mulheres da Argentina em 1922. Na obra desta mulher encontramos indícios sobre as atividades da escritora em reuniões e conferências sobre a condição das mulheres em finais do século XIX e início do século XX. O anseio, é que este estudo possa trazer contribuições importantes ligadas ao nome da escritora e suas atividades participativas nos movimentos feministas daquele período.

**Palavras chave:** Feminismo, literatura, patriarcalismo, gênero, história.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa sobre a escritora Brasileira Julia Lopes de Almeida e sua possível participação nos movimentos sociais e como representante da voz e da condição da mulher em finais do século XIX e início do século XX. O estudo tem o objetivo de mostrar, através da leitura da sua obra e análise dos textos elaborados pela autora, como se deu sua possível atividade em prol dos postulados feministas da época.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação-(PPG -EDU/UERJ/FFP) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP - Departamento de Educação. Membro do grupo de pesquisa GESDI - Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários *Espaços/Tempos* Cotidianos e GEPCEB – Estudos e pesquisas Sobre o conservadorismo na Educação Brasileira. (UFF) E-mail: ehm.pessoa@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora e Pós Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Pró-cientista da UERJ, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação- (PPG -EDU/UERJ/FFP) - Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ/FFP - Departamento de Educação - Coordenadora do Grupo de Pesquisa GESDI - Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários *Espaços/Tempos* Cotidianos. E-mail: denizesepulveda@hotmail.com

Segundo DEL PRIORI, 1997, P. 402: “O século XIX foi o século do romance, e deixa-se para traz “os tipos humanos genéricos (...) determinados pela convenção Literária”. Passa-se a usar os espaços cotidianos como cenários das narrativas. “(...) Cada romance debruça sobre uma entidade individualizada e, por isso mesmo, particularizada para cada momento histórico”.

E foi no pensamento romântico que viveu a menina Julia. Sua primeira narrativa foi escrita em forma de crônica para um Jornal de Campinas, nos seus 19 anos. Seu primeiro romance foi a Família Medeiros, a única obra de sua lavra considerada romântica, apesar de já possuir traços de sua escrita realista.

A romancista Julia Lopes de Almeida, traz no cerne das suas personagens femininos, a marca da possibilidade de transformar a realidade e superar o que no momento, parecia impossível. Foi em Cruel amor, ALMEIDA, 2015, que Alba, filha adotiva de uma costureira, fugiu com um advogado de classe burguesa. Em A falência, ALMEIDA,(S.D.), que Camila manteve durante toda uma vida um caso de adultério com o médico da família. Em A Intrusa, ALMEIDA,2012, Alice Galba conquista o advogado e patrão, graças a formação cultural que teve nos tempos do pai ainda vivo. Correio na roça, ALMEIDA, 2014, mostra a luta de cinco mulheres de uma mesma família que reergueram uma fazenda e superaram uma possível miséria. E foi em finais do século XIX e princípio do século XX, que segundo Vilella, na obra “500 anos de Educação no Brasil”, p. 120, que a mulher teve sua imagem de sedutora e pecadora desconstruída para dar lugar a um ser naturalmente puro, enraizando assim as ideologias de “domesticidade e maternagem, reforçadas pelo pensamento positivista e higienista”.

Neste contexto, em meio à abolição da escravatura e proclamação da república no Brasil, as mulheres viam-se envoltas por um ideário de “santas” do lar . Foi nesta teia que a palavra “feminismo” e “emancipação da mulher” criaram ares de modismo. Del Priori, na obra “História das mulheres no Brasil”, p. 408, faz citação a um pensamento de Júlia Lopes de Almeida escrito no final do século XIX:

“Não há meio de os homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós (...) e o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disso!”

Julia Lopes de Almeida recebeu inúmeras homenagens, no Brasil e no exterior. Em Paris, no ano de 1914, diversas escritoras da França se reuniram em um banquete para saudá-la. Em Lisboa, no mesmo ano, escritores de Portugal a homenagearam. No Conselho Nacional de Mulheres da Argentina, em 1922, ela representou a Mulher Brasileira. Em 1939, foi inaugurado no Passeio Público do Rio de Janeiro um busto seu, uma cópia do mesmo, encontra-se, desde 1953, no Jardim Gomes de Amorim, em Lisboa. Existe, em Buenos Aires, uma

entidade cultural com o nome de Instituto Argentino-Brasileiro Julia Lopes de Almeida. No bairro carioca de Santa Teresa, há uma escola primária da Prefeitura Julia Lopes de Almeida.

Em um pequeno artigo de autoria desconhecida, que faz parte do acervo do seu neto Claudio Lopes de Almeida, encontramos o seguinte parágrafo:

“A hospitalidade de Julia Lopes de Almeida e o seu renome entre os intelectuais da Europa fizeram com que, em 1914, recebesse duas grandes homenagens significativas. Em Paris, a poetisa Jane Catulle Mendes, que se tornara sua amiga no tempo em que viveu no Rio de Janeiro, organizou um banquete que reuniu todas as mulheres de letras para recebê-la. Dona Julia foi saudada por Severine, estando ainda presentes franceses e brasileiros ilustres, que participaram da homenagem: Edmond Rostand, Rodin, Richard Holl, Olavo Bilac, Epitácio Pessoa, Luiz Edmundo, Medeiros e Albuquerque, Sarah Bernhardt, Rachilde, Daniele Leseur, Paule Harviere entre as numerosas mulheres presentes.”

Notamos entre os nomes que fizeram parte da homenagem à Dona Julia, as seguintes mulheres: Sarah Bernhardt e Rachilde. A presença de ambas nas relações sociais de Dona Julia, provavelmente renderam frutos e reflexões. As idas e vindas da família da escritora entre França, Portugal e Brasil, certamente foram definitivas para o amadurecimento da escritora e suas ideias em relação às mulheres do seu tempo

## **METODOLOGIA**

O referencial teórico metodológico que pretendemos utilizar é a Teoria do paradigma indiciário de Ginzburg.

O paradigma indiciário de Ginzburg nos remete nas três influências que podem passar e envolver nossos trabalhos de leitura e comparação, entre as obras literárias de Júlia, informações em entrevista com seu neto Claudio Lopes de Almeida e o texto do seu discurso proferido em Buenos Aires em 1922, no Conselho Nacional de Mulheres da Argentina. Ginzburg (1989) apresenta, como primeira influência constante no seu paradigma indiciário, o crítico Giovanni Morelli, cujo método seria atender a um olhar minucioso para os detalhes que não tivessem sido percebidos por outros estudiosos, buscando ler pormenores nas entrelinhas do nosso objeto de estudo.

Ginzburg (1989), nos apresenta, como sendo sua segunda influência, Arthur Conan Doyle criador do personagem Sherlock Holmes (1880). Trata-se de um alerta a investigação minuciosa, usando de todos os indícios, principalmente os pouco imagináveis, porém concretos, e por muitos, considerados de pouca importância para desvendar seus crimes. Holmes alerta para as atenções redobradas em observar coisas que aparentemente, podem

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br  
[www.desfazendogenero.com.br](http://www.desfazendogenero.com.br)

passar despercebidas: uma marca oculta sob uma poça de lama, uma guimba de cigarro com a marca de um batom, um fio de cabelo no templo das coisas dadas como perdidas e o mais importante: o tamanho, o comprimento deste fio, a ferrugem que azinhavra a maçaneta sobre uma porta numa casa dita como abandonada, um galho quebrado em direção contrária à marca sobre a lama. A interpretação destas pistas fornecia a Holmes a direção das soluções dos crimes.

Ginzburg (1989) em terceiro plano nos lembra Freud na descoberta das causas patológicas ocultas pelo inconsciente humano. Para desvendar a causa oculta das doenças, Freud também se baseava em pistas concretas, sintomas comportamentais e físicos para encontrar a raiz das causas dos desequilíbrios emocionais dos seus pacientes.

Podemos dizer que Ginzburg (1989) cita Morelli, Holmes e Freud para evidenciar que pistas, indícios, sinais, pequenas referências e situações comuns, podem nos aproximar da realidade que o objeto da pesquisa pretende alcançar.

É importante concluir que tais demonstrações queiram de alguma forma, mostrar que cada época, com suas especificidades peculiares, que cada recorte de tempo, solicitam um olhar que envolva o pesquisador em torno do contexto particular de sua busca.

## DESENVOLVIMENTO

Vários estudos citam Julia Lopes de Almeida como importante nome nos primórdios das lutas feministas no Brasil, entre estes, MOREIRA nos informa:

”D. Júlia, como era conhecida, na sua incansável luta em prol da emancipação feminina no Brasil, estava convencida de que a humilhante condição social, econômica e cultural das brasileiras entre os séculos XIX e XX, devia-se, sobremaneira, à precariedade de oportunidades educacionais, culturais e sociais que nossa sociedade patriarcal oferecia ao sexo feminino. Sua denúncia acerca da pobreza existencial e intelectual do universo feminino, às vezes soa dissimulada, outras vezes é afirmativa como neste fragmento: “Decididamente, minhas amigas, nós não temos educação!” (...) José de Alencar observa, em um dos seus romances, que o piano é para a mulher o mesmo que o fumo é para os homens, uma distração” (ALMEIDA, p. 47-8, 1896).”.

Entre todos os estudos que tivemos acesso, podemos afirmar que a escritora Júlia Lopes de Almeida foi uma mulher burguesa, com hábitos burgueses, mas acima de tudo viveu entre os livros e para os livros e foi de fato “Uma mulher de letras”.

Contraiu matrimônio com um escritor português e solidificou uma extensa obra literária extremamente voltada para a mulher burguesa da capital da República do Brasil, o Rio de Janeiro. Sabemos através de muitas vozes que ela era uma mulher muito à frente do seu tempo, suas obras, no entanto, são marcadas por um tom que por um lado abraça os valores burgueses

da época, por outro, a romancista parece negociar esses valores para as transformações que ela mesma desejava para todas as mulheres, empregando na vida de suas personagens a necessidade de ser algo além de simples adornos sociais, mostrando nos seus diversos enredos, a possibilidade de romper com o sistema estabelecido. E talvez tenha sido através da sua escrita, o caminho encontrado para melhor travar a sua luta pela condição subalterna e inferior das mulheres de sua época.

Se suas obras retratam a sociedade burguesa do início do século XX, a extravagância e toda a série de futilidades endereçadas ao sexo feminino, também mostram as mulheres das classes menos favorecidas, expressando, em cada linha de suas construções textuais, a importância de cada uma, na soma dos afáveis momentos, onde todas sofrem, lutam e se encontram num mundo injusto para todas.

Em “A falência”, a negra Doca é a expressão da segurança emocional da família para quem trabalha e Nina, na mesma trama, como uma sobrinha enfeitada, vive de favores e acaba sendo quem abriga e dirige tudo e todos no instante em que a narrativa junta seis mulheres para um futuro sem a presença masculina.

Em “Cruel amor”, os personagens principais são pescadores pobres da praia de Copacabana. Todas as mulheres deste romance são personagens muito fortes, com pouca ou quase nenhuma instrução, mas que vivem e transgridem ao sistema, oferecendo uma leitura, onde a mulher pode tornar-se alguém para além de um ser subordinado aos ditames absolutos do patriarcalismo.

Segundo CAMPELLO, em uma pesquisa no periódico riograndino Corimbo<sup>1</sup>, na edição de 31 de julho de 1918, foi veiculada uma notícia que descrevia a presença da escritora Júlia Lopes de Almeida na cidade de Bagé, estado do Rio Grande do Sul. O acontecimento, considerado de suma importância, foi festejado nos dias 13 e 14 de julho daquele ano. Dona Julia proferiu uma palestra intitulada “A mulher e a arte”, conferência realizada à tarde e aplaudida de pé. São palavras de Julia na cidade de Bagé:

“É evidente que nem estas escritoras e nem todas as outras que de algum modo tenham recebido manifestações de apreço, quer das academias quer dos governos dos seus respectivos países, como muitas da França condecoradas com a Legião de Honra, foram agraciadas pelo simples motivo de serem senhoras, mas porque não lhes puderam negar o que elas conquistaram à força de talento, que não tem sexo, embora o mundo teime em vesti-lo de calças quando o quer adular! O das mulheres, como disse o poeta Castilho —, foi atirado para a roda dos enfeitados... mas da roda ou do cárcere, quando tenha nascido com o filão luminoso do sonho, ele desertará cedo ou tarde, torcendo grades ou arrancando fechaduras”.

São inúmeras as citações de palestras e conferências feitas pela escritora Julia Lopes de Almeida, no Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina, França e Portugal em nome das mulheres Brasileiras.

Em 1922, Julia Lopes de Almeida representou o Brasil numa Conferência do Conselho Nacional de Mulheres da Argentina, em Buenos Aires. Passaremos agora, a fazer uma pequena análise do texto, elaborado pela mesma para este evento e que foi publicado na Argentina em pequeno livreto impresso pelo próprio Conselho Nacional de Mulheres da Argentina em língua espanhola, datado de 10 de outubro de 1922.

Em quase todo o texto do seu pronunciamento para as mulheres argentinas, ela exaltou as belezas, as qualidades da nação Brasileira de norte a sul. A economia e prosperidade da terra que então representava toda uma série de condições favoráveis e a tipicidade de cada estado ou cidade. Cada capital dos estados foi revelada em suas inúmeras belezas e particularidades. O texto bem escrito e muito eloquente levou para a Argentina, a imagem de um país gigante, diverso e imensamente rico. Muito interessante as expressões de exaltação usadas por Julia:

“Contemple: a Baía de Guanabara, considerada uma das maiores maravilhas do mundo, abre-se e amplia seu leito para abrigar as vidas transbordantes de outros continentes. No balançar de suas águas, aparecem os intrigantes relevos e os contornos desesperados do seu litoral, vibrando em inesperadas harmonias e diversos matizes coloridos, o verde da vegetação, o roxo dos penhascos, o brilho das ondas, o azulado dos céus, o cinza, o amarelo, o rosa dos seus granitos (...)” (Almeida, 1922, p.7).

Todo gigantismo da Pátria Brasileira desfila em cerca de quatorze páginas, em relação às mulheres brasileiras, a partir da página quinze, a escritora empreende seu discurso, de forma bastante interessante:

“Como em todo o resto do mundo, as brasileiras já ocupam diferentes e múltiplas ocupações que antes eram dos homens, sem por isso, negligenciar seus mais puros e elevados atributos de esposa e mãe. Ao mesmo tempo em que são amorosas e doces, são ativas e enérgicas, desmentindo a todos que lhes atribuem indolência e superficialidade. Entre os poetas de maior prestígio destacam-se Julia Cortines, Francisca Julia, Auta de Souza e nos tempos modernos temos Gilka Machado, Rosalina Coelho Lisboa, Ana Amélia Carneiro de Mendonça e muitas outras. Temos ainda, nas crônicas e nas novelas, destaque para Carmem Dolores e sua filha Cecília de Vasconcelos (Crisantheme), Albertina Berta, mulheres de grande reputação literária e vários outros nomes que despontam no campo da prosa, laureadas de grandes promessas. Na dramaturgia, acaba de ser consagrada a debutante Rut de Castro.” (ALMEIDA, p.17, 1922).

Importante atentar para os nomes citados neste trecho do discurso. Todas as mulheres de sucesso em sua época, a esmagadora maioria desses nomes, foram invisibilizados, retirados da história da literatura, desapareceram como que por encanto na segunda metade do século XX. Vale citar:

A tradição patriarcal desenvolveu um discurso no qual a mulher é inferior ao homem e por isso não pode ter os mesmos direitos dele, cabendo a este ocupar o espaço público e a aquela o espaço doméstico. Baseada nessa concepção imputa à mulher o espaço doméstico, ao escondê-la da arena social, foi a invisibilizando a partir de uma produção constante e ativa de inexistência. (SEPÚLVEDA e SEPÚLVEDA, 2018, p. 48)

A conferencista continua suas palavras dizendo que na capital da República e demais cidades da União, “(...) as escolas superiores estão sendo lindamente frequentadas por mulheres”. Dona Julia também cita a presença de mulheres como funcionárias de ministérios e secretárias de estado, trabalhadoras do comércio em todos os níveis. Menciona ainda, que os jornais e a Literatura estão repletos de nomes femininos. Afirma que nas exposições de arte, sempre figuram “obras realizadas por mãos de mulher”, que algumas “fazem jus às mais elegantes galerias da Europa”. Não deixa de alardear que o Brasil possui famosas pianistas de “extraordinário renome”, médicas, advogadas, compositoras, aviadoras.

Um ponto muito louvável no seu discurso acontece quando a conferencista cita Berta Lutz como:

“Uma das nossas delegadas do Congresso de Baltimore, da Liga Nacional das mulheres votantes, a jovem Berta Luz, secretária do museu Nacional do Rio de Janeiro, detentora de grande talento, cultura e excelente formação, é a afirmação de que aqui no Sul, existem mulheres estudiosas, ativistas, que sabem adaptar-se às condições do momento social.” (ALMEIDA, p.16, 1922).

Em seguida exalta as heroínas Brasileiras do passado, seus talentos para a guerra e “seu vigor para montarem a cavalo e galoparem pelos campos em defesa da Pátria” e diz que o nome de Anita Garibaldi: “resplandece como estrela amorosa tanto no Brasil, como na Itália.”

Vale muito a pena notar que nos últimos parágrafos da palestra Julia Lopes de Almeida, muda o tom do discurso, como que na tentativa de reafirmar que a mulher trabalhadora e culta, pode e consegue dar conta de suas “obrigações” como mãe e esposa e acima de tudo, como detentora de uma alma pura e caridosa. Para isso, afirma que:

“Nossas heroínas do presente possuem nome e não são uma ou duas, são “legiões” de mulheres que lutam pela divulgação de ideias e ações comunitárias que buscam salvar, amenizar em Ligas, Asilos e hospitais, onde seus desvelos, bondades, abnegação, amor, inteligência, realizam milagres”. (ALMEIDA, p.18, 1922).

Suas palavras elevam a mulher aos padrões positivistas, tal fato, nos faz questionar se dessa forma, a autora tentasse garantir a continuidade dos avanços femininos, negociando, como já mencionamos, com os padrões dominantes da época, ou se ela própria considerava natural que as mulheres dessem conta de todos os afazeres que menciona nestes discursos, em particular. Segundo SHARPE:

(...) a emancipação resultaria não do direito de votar, porém de maiores oportunidades educacionais e profissionais fora do lar. Para Lopes de Almeida, a verdadeira medida do processo de transformação social estava na capacitação feminina para contribuir por meio do trabalho remunerado tanto na esfera privada através do serviço doméstico como no mercado de trabalho mais amplo. (SHARPE, 1988, p. 43).

Já conhecemos diversas biografias da autora, em todas, ela é sempre elogiada pela condição de mãe e dona de casa exemplar e esposa, numa sociedade de grandes representações burguesas. O que nos leva a crer, que Julia Lopes de Almeida era uma mulher de formação, hábitos e pensamentos burgueses, que sua atividade como jornalista e escritora, numa época de grandes reflexões, a tenha levado a travar uma luta pela emancipação da mulher nos mercado de trabalho, permanecendo em silêncio sobre a nítida dominação patriarcal em relação aos diversos papéis atribuídos para o feminino. Tal fator poderia estar contido na influência silenciosa dos efeitos daquilo que BOURDIEU, 2012, P. 22, chama de dominação simbólica. A questão da naturalização das dominações, mantendo os padrões patriarcais, pode ser uma das respostas para a constante afirmação dos papéis traçados para o feminino na sociedade burguesa por parte de Dona Julia. No entanto, em várias falas da mesma, paira a incerteza de sua real interpretação sobre essa realidade. É difícil aceitar que a própria escritora tenha sido vítima dessa “dominação”.

É válido questionar o fato de a Julia Lopes de Almeida “ativista”, entrar em cena com discursos comoventes, que defendem a mulher emancipada e no parágrafo seguinte, exaltar a imagem da mulher burguesa, considerada perfeita para a o matrimônio e para o ambiente privado e doméstico. A questão configura-se como se a mulher que conquistasse um espaço considerado masculino pudesse corroborar para sempre com o estado dominante. Seria no mínimo ingênuo, mais ainda no tocante a própria Dona Julia, em se tratando de uma mulher com bases culturais tão elevadas para sua época.

Para elucidar, nos perguntamos se tal fato é na realidade uma contradição para dar status à ficção literária ou uma estratégia de ação para ganhar a simpatia social em torno da “emancipação da mulher”, atestando que a mesma mulher do lar, poderia ser do trabalho externo, mantendo os padrões burgueses de esposa e mãe.

Esclarece-nos Perrot em minha história das mulheres, 2006, p.34, sobre o engajamento das primeiras jornalistas, sec. XIX, afirma: “As feministas tem consciência do papel da imprensa na opinião pública. Elas tomam essa tribuna com profissionalismo e também com muito idealismo.” É com o pensamento nessa consciência em relação à opinião pública que refletimos o discurso da escritora Julia Lopes de Almeida. No entanto, não sabemos até que ponto é plausível separar a jornalista e ativista, da esposa, mãe, dona de casa e se estas três atribuições, eram de fato, separadas pelas mulheres da época.

Em relação à política, alega que “desejaria” que: “a terra em que pisamos todas e todos, as pisadas dos homens se confundissem com o mesmo empenho sublime, por meio de uma harmonia inquebrantável, consciente, perfeita” (ALMEIDA, p. 19). Neste trecho, as questões políticas, parecem estar reduzidas a uma mera frase preta de utopia e vazia das questões femininas, que no momento, eram discutidas pela Liga das mulheres votantes, mencionadas por ela em sua citação sobre “a jovem Berta Lutz”.

No término de sua conferência, no texto proferido por Julia Lopes de Almeida no Conselho Nacional de mulheres da Argentina, as palavras denotam uma aparente paixão em relação ao modelo Burguês das maternidades. São suas palavras:

“No tocante ao sentimento maternal, nenhuma mulher no planeta terra pode superar a mulher brasileira em carinho e sacrifício. Seja qual for sua condição de vida, a brasileira é sempre quem amamenta seu filho. não dar o peito a uma criatura sua, não dar seu leite e seu amor e a gloria da maternidade seria para ela a maior dor que se pode imaginar. Quando por sua incapacidade física, precisa dar seu filho para outra mulher amamentar, a expressão do seu sentimento é de vergonha e desespero. Excessivamente amorosa, não é por certo uma perfeita educadora; mas sua ternura há de perdoá-la”. (ALMEIDA. p. 19, 1922).

No parágrafo mencionado acima, o discurso da escritora Julia Lopes de Almeida, nos dá a impressão de querer bajular toda uma sociedade e seus rígidos padrões patriarcais. Intrigante a afirmação de que a ternura perdoa uma possível imperfeição como educadora. Neste momento, torna-se claro que os ideais feministas da autora podem lutar por mais educação para as mulheres, o que é louvável para sua época, mas estes mesmos ideais não enfrentavam as desigualdades de condições com bandeiras antipatriarcalistas.

Os textos de Julia Lopes de Almeida alcançaram praticamente todo território Nacional, além das terras de além-mar e outros países Latino Americanos.

Nos oitocentos, segundo LOBATO, 2011, temos citações de escritos seus que foram publicados no estado do Pará nos periódicos “A província do Pará” e “Diário de notícias”.

Este trabalho tem a pretensão de explorar ainda mais os caminhos trilhados por Julia Lopes de Almeida como conferencista e como representante da mulher Brasileira no Brasil e no exterior.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Julia Lopes de Almeida colocou na âmago de suas personagens femininas, uma grande mostra de preconceitos, denunciando sutilmente o que a sociedade considerava imutável, natural, inato ou no mínimo digno de quem gozava dos privilégios que o trabalho explorado de muitos, oferecia a poucos.

Descreveu em suas criações uma realidade que necessitava de transformações urgentes. Criou personagens adúlteras, cultas e analfabetas, rudes e trabalhadoras, usou a imagem das pessoas discriminadas pela aparência, como na crônica “A caolha”. Relatou as condições íntimas dos padrões domésticos no início do século XX, impondo-se como escritora num momento em que esta função era praticamente exclusiva do sexo masculino.

Nas crônicas semanais no periódico “O País”, Julia defendia as mulheres: “o que não aconteceu agora a certas mulheres de certos bairros, que a polícia mandou repentinamente mudar de rua e de domicílio sem consentir em hesitações...Como se arranjarão elas? Eis um problema!” (ALMEIDA, 2015, p.163). Nesta citação, a autora faz referência a algumas atitudes da Reforma Pereira Passos no centro do Rio em 1906.

Ao analisar os textos de Julia sobre a mulher Brasileira, mesmo que suas falas corroborem com o modelo proposto pelo padrão da época, é notório nas entrelinhas dos mesmos, que ela emprega uma relação de forças na busca de uma fala apasiguadora, de modo a não diminuir os valores para o feminino almejados socialmente, mas que, ao mesmo tempo, tenta convencer a sociedade no sentido de abrir caminhos para uma mulher que pensa, estuda, cria, dialoga de igual para igual com um homem investido de poderes em relação ao sexo feminino de forma naturalizada, nem sempre justa e honesta.

Na realidade, podemos encontrar com nitidez nos textos de sua conferência em 1922, os traços que marcam o espaço feminino de então: o do lar, dos afazeres domésticos, em meio à luta das feministas ganhando embates e conquistando pequenos espaços, mas que precisaram empregar coragem e perseverança até os dias atuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século XIX que as conquistas femininas pelos direitos civis, políticos e sociais ganham espaço nas mídias, período em que a escritora Julia Lopes de Almeida viveu e escreveu laboriosamente. Através desta escrita encontramos tanto em seus textos para conferências, como na extensa obra romanesca, a trajetória em prol do feminino, a militância sem alarde ostensivo, mas presente na fala latente das suas personagens emblemáticas.

Os movimentos femininos, iniciados no século XIX, entre positivismo e socialismo, destinados ao resgate social e à afirmação política das mulheres, possui como reflexão pedagógica o problema de gênero. Colocavam em dúvida o modelo tradicional de formação, caracterizado como sexista (vinculado apenas ao modelo masculino, visto como superior e universal...). (CAMBI, 1999, p.328)

Num momento de transformações sociais, Julia Lopes de Almeida colocou suas personagens no protagonismo de suas narrativas, que eram lidas pelo público feminino alvo dos periódicos da época. Escreveu para mulheres, endereçou seu olhar cuidadoso e forte para que elas sentissem o quanto suas vidas precisavam tomar um rumo de independência e autonomia. Relatou as condições das famílias no início do século XX, impondo-se como escritora num momento onde a pena era instrumento para os dedos masculinos.

Em toda a obra de Julia Lopes de Almeida, encontramos a preocupação com a educação para as mulheres como única saída para as suas personagens. Conhecendo a vasta obra da autora, ressalta-se que muito ainda pode ser encontrado sobre a militância para o feminino em outros textos e que este estudo tende a ser expandido em breve.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudio Lopes de. *D. Julia abril/2018*. [arquivo pessoal]. Rio de Janeiro, 2018. CD-ROM

ALMEIDA, Julia Lopes de. *A falência* [ Domínio Público]. EM <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000169.pdf>  
Acesso em 25/10/2016 – às 11h11min.

\_\_\_\_\_. *A intrusa*. Vitória: Pedra Azul, 2016.

\_\_\_\_\_. *A Silveirinha*. Santa Catarina: Mulheres, 1997.

\_\_\_\_\_. *Conselho Nacional de Mulheres da Argentina*. Buens Aires: Conselho Nacional de Mulheres da Argentina, 1922.

\_\_\_\_\_. *Correio da Roça*. Santa Catarina: Mulheres, 2014

\_\_\_\_\_. *Cruel Amor*. Santa Catarina: Mulheres, 2015

\_\_\_\_\_. *Memórias de Marta*. Paris: Estrangeira Truchi Leroy, (1930?) Em:

<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/JFO/Media/JFO1180.pdf>.

Acesso em 26/05/2018, às 20h20min.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAMPELLO, Eliane T. A. (FURG). “*A mulher e a arte*”, na visão de *Júlia Lopes de Almeida*. Em:

<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/ELIANE%20CAMPELLO.pdf>

acesso em 19/01/2019 às 21:22

DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997

GINZBURG, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

LOBATO, Denize Araújo. *Prosas de Julia Lopes de Almeida nos Jornais Paraenses oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra libertadora* - 18/01/2019, às 22:32 h.

Em: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8115/1/Dissertacao\\_ProsasJuliaLopes.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8115/1/Dissertacao_ProsasJuliaLopes.pdf)

LÓPES, Camila Soares. *A crítica de Rachilde no Mercure de France (1896-1898)*. Em:

<http://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/106850/109288> acesso em 17/01/2019, às

19:28

MOREIRA, Nadilza M. de Barros, *Júlia Lopes de Almeida e o Universo Feminino, Carioca, Burguês*. em: livro das noivas em

<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2349/2083>, acesso em

18/01/2019 as 18:21 h.).

PERROT, Michele, *Minha historia das mulheres*, São Paulo: Contexto, 2006.

SEPÚLVEDA, Denize, SEPÚLVEDA, José Antonio. Conservadorismo, gênero e sexualidades: temáticas que se entrelaçam nas pesquisas do GESDI e do GEPCEB. In:

*Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia*. Curitiba: CRV, 2018.

SHARPE, Peggy. *Construindo o Caminho da Nação Através da Obra de Júlia Lopes de Almeida e Adalzir Bittencourt*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.33, n.3, p. 39-49, set. 1998.

Em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15103> Acesso em

22/08/2019, às 01:06 h.

TILLY, Louise A., *Gênero, Historia das mulheres e Historia social*. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>, recebido por e-

mail em 16/06/2018, às 16:11 h.